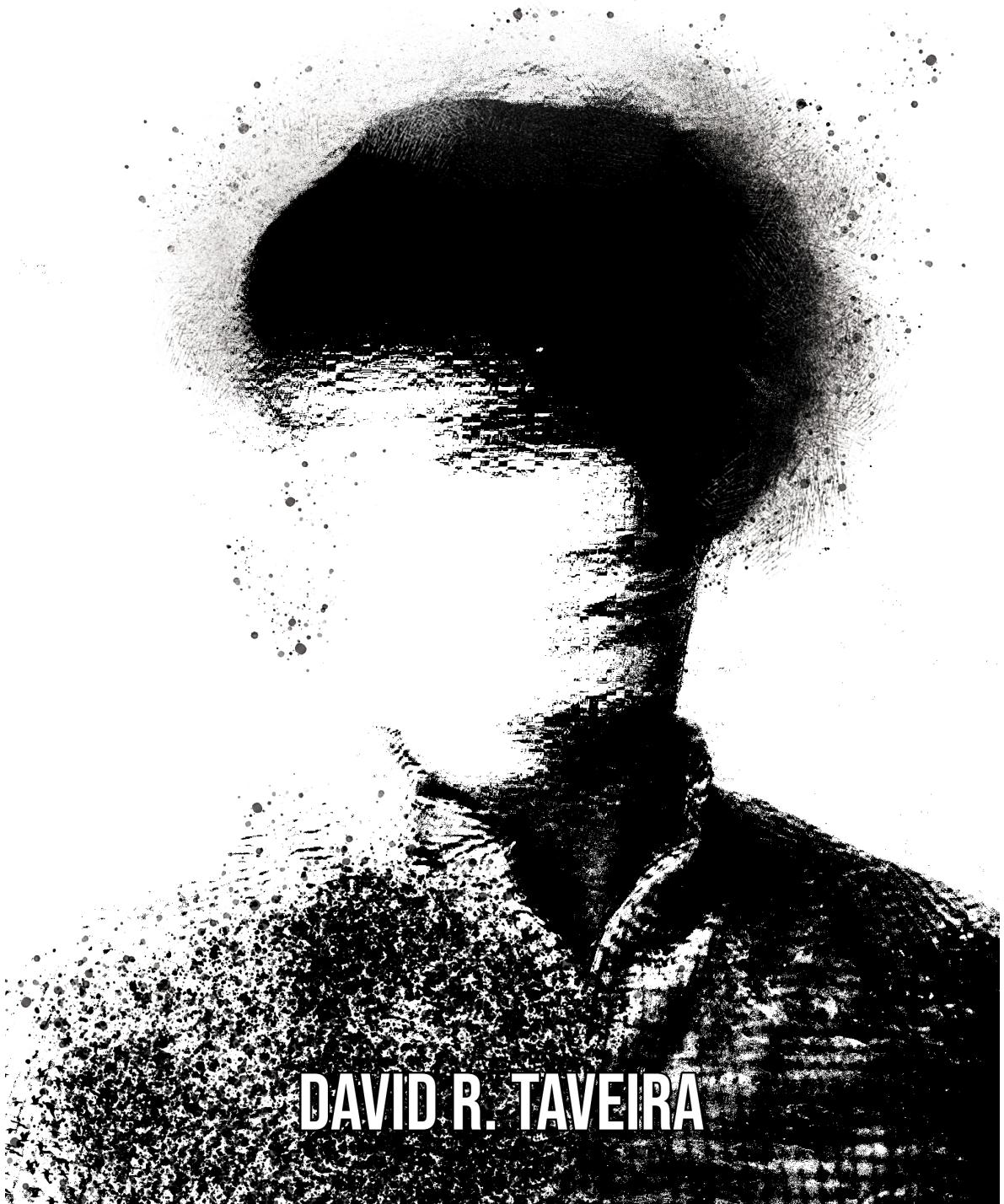




CONSTATAÇÃO

NOVE MISTÉRIOS E UMA VOZ



DAVID R. TAVEIRA

Título Original: Constatação – 9 Mistérios e 1 Voz

Autor: David R. Taveira

Copyright © David R. Taveira

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Pós-Diagramação: Ana Domingues

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Rafaela Silva

Imagem de Capa: Pixabay © Alan Fikz

Fonte: Bebas Neue

Marketeer: Tânia Roberto

1ª Edição: junho de 2024

Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 533229/24

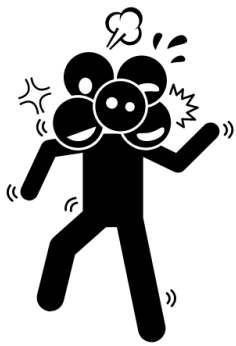
ISBN: 978-989-9166-64-6



Dedico esta obra à minha esposa, pela sua luz e leveza inspiradoras e capacidade em desmistificar problemas que, após ouvida a sua perspectiva, perdem a sua importância, ou cessam completamente de existir. Há sabedorias que o intelecto não alcança. És o coração que me dá a mão neste caminho (vida).

AVISO DE GATILHO

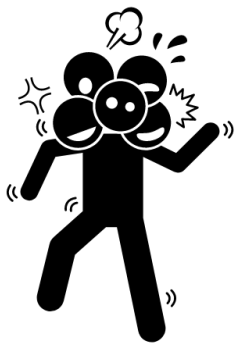
Este livro contém temas sensíveis, incluindo *bullying*, destruição de propriedade, alusão a rapto, extorsão, pensamentos suicidas, intenção de assassinato e violência. Parece uma coisa muito negra, mas não é. Apesar disso, não posso negar que tais conceitos aparecem na história.





QUE SE DÊ À CONSTATAÇÃO

- 12, boa tarde. Qual é a sua emergência?
- Por favor, ajudem-me!
- O que se passa?
- Estou tão confuso, não vejo a luz há tanto tempo!
- Onde é que o senhor se encontra?
- Vou morrer, vamos todos morrer, ele vai acabar por nos matar! Por favor, suplico...
- A chamada cai.





DIAS

Filipe Dias, inspetor da Polícia Judiciária, sai da pastelaria com uma caixa de *croissants* recheados numa mão e dois cafés noutra. Depois de tocar com o cotovelo na janela do seu carro, Miguel Antunes, o seu colega, estica-se para lhe abrir a porta do lado do condutor. Dias passa-lhe os cafés, entra na viatura e, assim, dá-se a troca, Antunes dá um café a Dias e recebe dele um *croissant*.

Depois de dar a terceira dentada no *croissant* e de mastigá-la sofregamente, Antunes olha para Dias e engole o pedaço de comida.

— Então, Dias, não comes nada? — Filipe não responde. — É por causa da questão que me falaste ontem? — Dias continua sem responder. — Não te preocupes, tudo se há de resolver. Basta falares com o chefe, ele mexe uns cordelinhos e ficas a pagar a prestação da casa por mais trinta anos. Relaxa, homem!

— A vida privada e a profissional não se misturam — diz o inspetor, fitando um ponto indefinido algures no para-brisas.

— Sempre o mesmo, Dias. Que mal tem usares uma ferramenta que está à tua disposição? Não vais roubar ninguém, vais apenas estender os pagamentos por mais tempo.

— Todo o tipo de ferramentas estão à disposição de qualquer um. É a forma como as usamos e escolhemos que definem o tipo de pessoa que somos. Um candelabro pode servir perfeitamente para matar alguém, assim como as minhas relações com o chefe me permitem adiar a retoma de um banco. Se está certo fazê-lo? Não.

— Não compares as situações.

— Princípios, Antunes. Se ninguém os tiver, o mundo fica perdido. Somos polícias, representamos a lei, temos de dar o exemplo.

Nisto, a seguinte comunicação vinda do rádio é ouvida: — *Dias e Antunes dirijam-se à esquadra.*

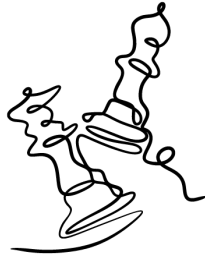
— Daqui Dias — diz, enquanto agarra no intercomunicador.

— *A situação ainda é desconhecida, mas parece que implica reféns.*

— Estamos a caminho.

Dias encaixa o intercomunicador no *tablier*, cola a sirene ao tejadilho do carro e arranca em direção à esquadra. A urgência pode ser muita, mas aquele que a atende é mortal. Os mortais estão acorrentados a obrigações, circunstâncias às quais não podem escapar. E quando o café faz o seu efeito nas vísceras do indivíduo, este é obrigado a parar na bomba de gasolina para tratar do assunto.

— Vê lá se te despachas — diz o Antunes. — E deixa de te preocupar com problemas de tão fácil resolução.



ANTÔNIO

Antônio Braga, *ex*-professor universitário de filosofia, reformado há mais de dez anos, sai do WC da estação de serviço, com o seu ar carrancudo, expressão que jaz cravada no seu semblante, tal cruz do calvário, há já muito tempo.

— Dois maços de Ventil — diz Antônio, de forma seca e rude, para o empregado.

Antônio Braga não fora sempre assim. Quando era jovem, foi um grande pensador, reconhecido pelos quatro cantos do mundo por criar ou solidificar dezenas de teorias filosóficas. No entanto, a nível local, era conhecido pelo seu sorriso aberto, pela sua vitalidade radiante e pela sua bondade. O seu espírito era alegre, leve, livre e caridoso, grande parte graças às teorias que forjava, redes existenciais que, como um ginasta num trampolim, o impulsio-
navam a belas e luminosas alturas, nada menos que a obrigação de uma boa filosofia de vida. “Só existe um ser.”, “ Todos somos irmãos”, “Tudo o que acontece é para que nos aproximemos da Verdade”, “O Universo tem inteligência e essa guia-nos”, acrescentando sempre razões lógicas que davam uma sustentabilidade a estes pensamentos que iam para lá da simples fé.

Antônio era um mestre nisso. E filosofias deste género trazem luz para qualquer vida. No entanto, sempre fora de temperamento feroso, explodia à mínima coisa. E, sempre que explodia, toda a sua crença, todo o seu conhecimento, se convertiam numa pedra da calçada que ele pisava sem dar conta da sua existência. Se estivesse solta, era bem provável que a agarrasse e a atirasse

à cabeça de alguém, como se o simples estado de emoção do Ser fosse capaz de reconfigurar toda a sua personalidade.

Um ser contém nele um espectro de seres. Quando António estava bem, era alegre e despreocupado, bondoso, simpático e sempre pronto para uma boa dose de raciocínio ou uma aventura qualquer na “vida real”. Quando António se chateava, deixava de ser o mesmo, tornava-se no Sr. Fernando, por exemplo. Neste caso, tínhamos a luz e as trevas, a sabedoria e a ignorância, a alegria e a ira, o altruísmo e o egoísmo, uma luta titânica que ia acontecendo dentro dele, ou que poderia ter acontecido se António se tivesse focado nessa sombra e a tivesse tentado sublimar. Mas a sua atenção esteve sempre virada para as suas teorias, para os enormes porquês da existência, as “verdades mais altas”, como ele dizia. Sim, é verdade que António alcançou muitas verdades. Mas de que serve a Verdade se o Homem não possui nem tenta possuir as rédeas do seu próprio ser? Por mais que soubesse, por mais evoluído que se julgasse — e que realmente o pudesse ser — bastava o seu estado emocional dar a volta, que toda a sua sabedoria era engolida pelo seu subconsciente, tal como a Atlântida. Quem se lança para o céu sem tirar as raízes do chão sujo, estica-se, estica-se e parte-se ao meio.



Hoje em dia António não é mais o mesmo. O seu corpo interior quebrou-se, o que era do céu foi para o céu. A sua luz, pura e abençoada, escoou-se pelas entranhas do seu ser. Ficou sem cabeça e sem coração. Agora, António é só pés, pernas e vísceras. Os genitais estão lá, já não funcionam, mas continuam a atrapalhar. Agora, não passa de um arrasto cansado. Já nem explode como antigamente; até para explodir é necessária energia. Toda a energia vem do céu. O relâmpago pertence ao espírito. E o espírito pertence ao céu. António é como uma casca, uma pele de lagarto cujo interior se encheu de lama. Um arrasto.

Depois da quebra, do escoamento da luz, só restaram as trevas. Não as trevas demoníacas, mas as trevas da amargura de quem, apesar de muito saber, não conseguiu encontrar na existência o sentido que as suas teorias delineavam. Não que as suas teorias não fizessem sentido; a lógica estava lá. O problema é que para ver o belo e verdadeiro, e acreditar neles, é necessário voar pelas alturas onde o belo e o verdadeiro residem. António perdeu o controlo e caiu para um vale escuro onde tudo aquilo que acreditava perdeu a luz, tornou-se mentira, especulação estéril de quem se entretém com o que nunca fez sentido.

Na sua infelicidade, António vive satisfeito. Apesar de sentir que gastou o tempo da sua vida a projetar ilusões e devaneios, sente que o gastou de uma boa. Já que nada faz sentido, pelo menos entreteve-se a imaginar sentido na vida.

O empregado dá dois maços de *Ventil* a António.

— São dez euros, chefe.

— Chefe!?! — reclama António, indignado. — Mas eu conheço-te de algum lado?

— Mas... — responde o empregado, sem jeito.

— Está mas é calado, rapaz. Só te pedi dois maços de cigarros, mais nada. Nem mas, nem meio mas. Não quero *chefes*, nem *obrigados*, muito menos *volte sempre* — diz, deixando os clientes que estão a sair da loja consternados com tal atitude.





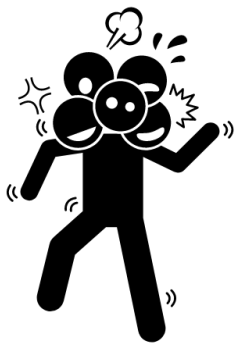
DIAS

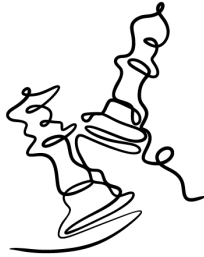
Filipe Dias sai da bomba de gasolina e atravessa o parque de estacionamento, de volta ao carro. Ao passar por uma família, verga ligeiramente a cabeça e diz, com nobre simpatia.

— Muito bom dia, meus senhores.

O casal olha para Dias, com um ar estranho, um misto de medo e indignação. É perfeitamente normal, Dias vive numa cidade grande, as pessoas não se costumam cumprimentar na rua. Às vezes cumprimentamos os polícias. Eis o problema, Dias foi polícia durante muitos anos, mas só é inspetor há dois. Esqueceu-se de que não está fardado. Por isso, para remediar os olhares, aponta para o distintivo preso no seu cinto — distintivo que, por estranho que pareça, já estava bem visível. — O pai pega na criança, apavorado, e corre, juntamente com a mulher, para dentro do carro.

Que gente estranha — pensa Dias.





JORGE

— Onde é que eu estou? — pergunta Jorge, ao ver que se encontra sentado numa retrete, com as calças para baixo.

— Onde é que achas que estás? Numa casa de banho.

— Eu sei que estou numa casa de banho — responde Jorge. — Mas, onde? — questiona, confuso.

— Ah, estava a ver que estavas mesmo a ficar maluco.

— Cala-te! Se estas merdas não me estivessem sempre a acontecer, podes crer que estarias fechado numa caixa qualquer na minha cabeça com uma fita adesiva na boa.

— Não digas essas coisas. Sabes que gosto de ti. Se algum dia os teus apagões deixarem de acontecer e tu conseguires ter sempre à mão os comprimidos, garanto-te que vais sentir a minha falta — diz a voz.

— Já te disse para não voltares a falar!

— Não despejes a tua raiva em mim. Não tenho culpa que ela prefira o outro.

— Cala-te antes que eu corte a cabeça. Assim tu deixas de falar e eu deixo de te ouvir.

— Sem a mini-guilhotina não consegues cortar a cabeça. Vês como podia dar jeito?

— O meu pescoço nos carris do comboio, à hora certa, fazem o serviço.

— Não farias uma coisa dessas.

— Queres apostar?

— Garanto-te que não farias. Pelo menos enquanto as contas não estivessem saldadas.

— Quais contas?

— Então, essa mulher tem de morrer.

— Ela é casada. Não tem sentido eu ficar chateado, nós nem sequer nos chegámos a ver, apenas falámos pelo *chat*. Ela percebeu que prefere o marido, só isso.

— Mas, e se o marido dela descobriu que vocês falavam e a proibiu de se comunicar contigo?

— Achas mesmo?

— Ela estava tão apaixonada. É, no mínimo, estranho que tenha deixado de falar contigo assim da noite para o dia. Ou talvez não, hoje em dia as mulheres não permitem que os homens mandem nelas. O tempo do grande macho, do homem-chefe, já passou, pelo menos é o que dizem. De qualquer das formas, é indecente mostrar tanta paixão e depois cortar o contacto. Para mim, é razão que chegue para se cortarem umas gargantas.

— Cala-te! É por essas merdas que não vou poder voltar a ser barbeiro. Impedes-me de exercer a minha arte, aquilo que mais gosto de fazer. És uma praga dentro de mim!

— Não tenho culpa que a tua profissão envolvesse lâminas e pescoços, senhor barbeiro. Ex-barbeiro. Sabes bem que eu não tinha poder para me controlar, era um impulso maior que eu, convencer-te a realizar os meus desejos, não há nada mais belo do que ver a vida a escoar do corpo de alguém. Não tenho culpa de não ter corpo próprio para poder fazer o que eu quero. Achas que não gostava de ser independente? Mas, admito, também tenho pena que tenhas deixado a tua profissão, tinhas veia para ela — comenta a voz, soltando um riso irónico. Ela gosta de trocadilhos, mas não costuma fazê-los. — Era a tua paixão. Quando estás feliz cantas lindamente. Gosto muito de te ouvir cantar.

— Os concertos privados que eu dava aos meus clientes enquanto lhes fazia a barba!

— De amar e chorar por mais. Um delírio. Nem sei porque é que não cobravas mais.

— Estava a fazer o que gostava, isso bastava.

— Para mim, o melhor era o final, quando havia. Era como sexo! Prazer, prazer, prazer... e uma explosão de êxtase, uma fonte vermelha de luxúria. Sou culpado do pecado de me excitar quando vejo o sangue a escorrer pelo corpo, ou esguichar pelo ar, e a vida a findar-se num rosto em agonia. Tão bom. Pena que só atendias um ou dois clientes por semana.

— Ou por mês.

— Pois é. Estes apagões estão a dar cabo de ti. Se não fossem a razão da minha sobrevivência, acredita que eu seria o primeiro a ajudar-te a veres-te livre deles.

Jorge ouve a porta da casa de banho a abrir-se. Ele mantém-se em silêncio enquanto ouve uns passos, duas braguilhas a deslizar e *tssshhh*.

— Estou quase a descobrir o *serial killer* do parque — diz um homem.

— A sério? Então, queres contar pormenores? — pergunta o outro.

— Não. Há anos que ando para apanhar este tipo. O Dias tem quase a certeza de quem é, mas não me vou chibar de nada. Sempre que estamos perto de o apanhar, ele safa-se, acho que alguém o anda a informar.

— Parece-me um pouco paranoico, não achas? Uma coisa era um chefe da máfia. Não estou a ver um assassino pagar a algum dos nossos para vigiar o seu caso.

— Há gente com muito dinheiro. Alguma dessa gente é assassina.

— Bem visto.

— Então, e como é que está o caso do barbeiro?

— Nada. Mas sinto que estou muito perto!

— Desde que vocês ficaram com o caso que te fartas de dizer isso.

O derramar de uma das águas cessa, seguido por um pequeno fecho de metal, não antes de uma árvore se sacudir ao vento duas ou três vezes. Segue-se o som de passos, acompanhado por uma nova fonte de líquido, mais puro, escorrendo a uma altura mais baixa e com um caudal maior, a água do lavatório. Finalmente, quatro papéis são puxados do dispensador de papel.

— Bem, já estou. Até logo, Mota.

— Até logo, Antunes.

